



## UMA INCURSÃO PELA POESIA PARA INFÂNCIA EM MOÇAMBIQUE

*AN INCURSION INTO CHILDHOOD POETRY IN MOZAMBIQUE*

*UNA INCURSIÓN POR LA POESÍA PARA NIÑOS EN MOZAMBIQUE*

Eliane Santana Dias Debus<sup>1</sup>

### RESUMO:

A literatura para infância em Moçambique tem, nos últimos 10 anos, se ampliado, trazendo à cena a produção de escritoras e escritores comprometida(o)s com a formação de leitores. Este artigo apresenta três títulos poéticos de três escritores dessa nova geração, são eles: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*, de Pedro Pereira Lopes (2015), *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar*, do escritor Celso C. Cossa (2016), e *Passos de magia ao sol*, de Mauro Brito (2016). Desse modo, busca-se demarcar o diálogo da construção poética com o universo da infância por meio de jogos de palavras, sonoridades e, até mesmo, com produções para infância brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literaturas Africanas, infância, poesia.

### ABSTRACT:

*Children's literature in Mozambique has expanded in the last 10 years, bringing to the scene the production of writers committed to the training of readers. This article presents three poetic titles by three writers of this new generation, they are: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*, by Pedro Pereira Lopes (2015), *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar*, by the writer Celso C. Cossa (2016), and *Passos de magia ao Sol*, by Mauro Brito (2016). In this way, we seek to demarcate the dialogue between poetic construction and the universe of childhood by means of word games, sounds and even with productions for Brazilian childhood.*

**KEYWORDS:** African Literatures, childhood, poetry.

---

<sup>1</sup> Professora no Departamento de Metodologia de Ensino, Programa de Pós-Graduação, na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

E-mail: [elianedebus@hotmail.com](mailto:elianedebus@hotmail.com)



**RESUMEN:**

*La literatura proyectada para el universo infantil en Mozambique se ha expandido en los últimos 10 años, poniendo en escena la producción de escritoras y escritores comprometidas/os con la formación de lectores. Este artículo presenta tres títulos poéticos de tres escritores de esta nueva generación: Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas, de Pedro Pereira Lopes (2015), O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar, del escritor Celso C. Cossa (2016), y Passos de magia ao sol, de Mauro Brito (2016). De esta manera, buscamos demarcar el diálogo entre la construcción poética y el universo de la infancia a través del juego de palabras, sonoridades e incluso con producciones destinadas a la infancia brasileña.*

**PALABRAS CLAVES:** Literaturas africanas, infancia, poesía.

*Aos três mosqueteiros.*

A literatura para infância em Moçambique tem, nos últimos 10 anos, ampliado o seu número de títulos publicados, embora não se possa falar ainda em um mercado editorial consistente. Editoras como a Nadjira, Alcance e Escola Portuguesa de Moçambique têm contribuído para trazer à cena a produção de escritores já conhecidos, como Mia Couto, Calane da Silva, Ungulani Ba Ka Khosa, e jovens escritores, como Pedro Pereira Lopes, Celso C. Cossa e Mauro Brito.

Diante disso, este artigo se debruça sobre os títulos desses três jovens escritores dessa nova geração, todos publicados pela chancela da editora da Escola Portuguesa de Moçambique: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*, de Pedro Pereira Lopes (2015); *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar*, do escritor Celso C. Cossa (2016); e *Passos de magia ao sol*, de Mauro Brito (2016). O primeiro tem edição no Brasil pela chancela da editora Kapulana, na coleção “Vozes da África”.

O interesse pela produção desses escritores se dá em 2015 a partir da constatação de que muitos livros para infância oriundos do continente africano publicados no Brasil se concretizavam pelo diálogo com as narrativas da tradição oral e da busca por aquelas que escapulissem desse viés; não por desconsiderá-las, mas por crer na existência de outras propostas de escritas. Por meio do professor Etelvino Guila, da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), dá-se a aproximação, em 2016/2017, com os três escritores e as suas publicações poéticas. O livro de Pedro Pereira Lopes (2015), à época, havia sido publicado no Brasil, sendo de acesso fácil, os demais atravessaram o mar.

Nesse percurso de leitura dos seus títulos, constatamos algumas proximidades: 1) os três escritores, embora produzam outros gêneros literários, têm no exercício poético uma constância; 2) os títulos em análise foram publicados pela Escola Portuguesa de Moçambique. A primeira se faz significativa, pois nos mapeamentos que temos realizado, os livros para infância em Moçambique, em sua grande maioria, são em prosa. Tal confirmação se destaca na observação do autor: “Moçambique desde a independência não produziu até hoje mais de dez livros de

poesia infantojuvenil” (LOPES, 2019). A segunda é demarcada pelo papel editorial que a Escola Portuguesa de Moçambique tem realizado nos últimos anos ao publicar livros para infância de autores consagrados e iniciantes sem se descuidar da qualidade gráfica. Sobre isso, para além da comercialização, o acesso ao livro com a promoção do projeto Mabuko Ya Hina (*Os nossos livros*) “[...] oferece maletas de livros e introduz actividades que fomentam o hábito de leitura, como concursos de adaptação dramática dos textos” (LOPES, 2020, p. 334).

Os três livros em tela somam 36 poemas, que têm como destino final a infância, seja aquela que habita em nós adultos, na maioria das vezes, leitores primeiros dos livros (professores, pais, bibliotecários, entre outros) e que os damos a conhecer por meio de escolhas próprias, e/ou as crianças leitoras, que, constantemente, estão à mercê de nossas escolhas. Assim, nossa leitura busca demarcar o diálogo da construção poética com o universo da infância por meio dos jogos de palavras, sonoridades e, até mesmo, com produções para infância brasileira.

Creemos que conhecer essa produção contemporaneíssima da literatura para infância em Moçambique e trazê-la ao cenário brasileiro, não somente do espaço acadêmico universitário, mas também da Educação Básica, permite um alargamento do repertório e contribui para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

### **O contexto da poesia para infância que vem do Índico**

O contexto de produção literária está imbricado no contexto histórico-político em que esses poemas são/foram construídos, por isso, mesmo que brevemente, o damos a conhecer: são livros de poemas publicados na segunda década do século XXI, em Maputo, Moçambique.

Em artigo sobre o panorama das literaturas africanas de Língua Portuguesa, Fonseca e Moreira (2007) afirmam que elas são resultado de dois processos: 1) de assimilação e 2) de conscientização. O primeiro está vinculado à ocupação; e, o segundo, ao processo de conscientização que começa a ganhar força a partir de 1940-1950, quando o olhar atento da classe artística para os processos de submissão e aculturação começam a ser evidenciados e debatidos.

Nesse sentido, a escrita literária fica, então, tensionada pelas duas realidades das sociedades colonial e africana. Dessa forma,

ao produzir literatura, os escritores forçosamente transitavam pelos dois espaços, pois assumiam as heranças oriundas de movimentos e correntes literárias da Europa e das Américas e as manifestações advindas do contato com as línguas locais (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 14).

No que se refere especificamente à literatura moçambicana, as autoras demarcam três fases no processo de construção da literatura: a colonial, a nacional e a pós-colonial. Na primeira fase, o tema que repercute na produção literária está centrado nos problemas sociais do país, a exploração dos negros – violência física e psicológica – e a subjugação ao colonizador – um grito contra a colonização e o desejo de liberdade e voz própria. A segunda é marcada pela literatura política e de combate, que “[...] foi cultivada, sobretudo, por escritores que militavam na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)” (FONSECA; MOREIRA, 2007, s.p.): um discurso do coletivo para o coletivo. A terceira fase assume, por parte dos escritores, “[...] um tom individual e intimista para relatar a sua experiência pós-colonial” (FONSECA; MOREIRA, 2007, s.p.). Em vista disso, esta última etapa, que corresponde à produção literária realizada a partir da metade de 1980, de acordo com Noa (2017, p. 20), configura-se pela:

[...] explosão de uma liberdade subjetiva e criativa que vai permitir o relançamento de uma escrita que, nascida sob o signo de Prometeu, institui uma historicidade e uma aura próprias, em que o inconformismo do verbo e a inquietação identitária se fundem na sua imagem de marca.

Embora esse fio condutor e didático das fases nos permita vislumbrar a história da literatura moçambicana, nosso foco de escrita – a literatura para infância – foi pouco pesquisado, sendo necessário fazer um estudo mais adensado para saber se há, ou não, uma correspondência na linearidade desse processo, bem como consolidar o olhar para um fazer recente e cheio de minúcias no seu dizer.

Em pesquisa realizada em Maputo (Moçambique), de maio a outubro de 2009, Maria Anória Jesus de Oliveira (2014, p. 96) constatou, a partir de diálogos com escritores oriundos daquele contexto e a leitura de três textos “[...] resultantes de um relatório acerca de palestra sobre a literatura infantil, realizada no dia do escritor moçambicano, 07 de novembro de 2003, em Maputo”, que a literatura para infância e juventude no país tem suas primeiras tímidas publicações no final de 1970. É necessário lembrar que Moçambique ficou sob o jugo português até 1975, e que, possivelmente, os livros que circulavam para infância anterior a esse período eram um fazer europeu.

A “emergência” de uma produção para infância e juventude em Moçambique se dá pós-independência (GOMES, 2018) e, para início de uma sistematização, poderíamos descrever três fases, a primeira cobre os anos de 1979 a 1990; a segunda de 1991 a 2010; a terceira de 2010 até os dias atuais. No entanto, faz-se necessário destacar que essa demarcação não é estanque, pois algumas/alguns escritoras/escritores tiveram o seu exercício em ambos os momentos, como Angelina Neves.

A primeira fase, como nos demais países de língua portuguesa do continente africano, está circunscrita às publicações do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INLD). Ao expor

a produção desse período, Simone Caputo Gomes (2018) nomeia três coleções: *Era uma vez* e *Xirico*, que possuem mais de 10 títulos voltados para infância, e *Horizontes*, que priorizou livros para jovens. A autora ressalta os seguintes títulos:

*Contos moçambicanos* (INLD, 1979); *Papá operário, mais 6 histórias*, de Orlando Mendes (INLD, 1980, coleção Xirico); *O girassol e Viagem ao meio das nuvens*, de Amélia Muge, ambos da coleção Era uma vez (INLD, 1983); *No tempo do Farelahi*, de João Paulo (INLD, 1984); *Os animais buscam água*, de João Arnaldo et alii (INLD, 1985, coleção Xirico); *O gato bravo e o macaco* e *O coelho salteador*, de Ricardo Cambula (INLD, 1985, coleção Xirico); *O menino que não crescia*, de Orlando Mendes (INLD, 1986, coleção Xirico); e *Há agitação em Xilunguine*, de Lucas Guimarães Mahota (INLD, 1989, coleção Horizonte). (GOMES, 2018, s.p., grifo da autora).

Gomes (2018) ainda destaca o Suplemento Infantil Njingiritane, encartado no semanário *Domingo*, o qual, curiosamente, está presente nas três fases aqui sistematizadas, circulando ainda hoje. Embora houvesse flexibilidade no número de páginas e no conteúdo, o suplemento era composto, na maioria das vezes, de 16 páginas de tamanho A4 (21 cm X 29.7 cm), correspondendo a duas páginas do jornal com conteúdos (pintura, curiosidades, exercícios de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais e textos para exercício da leitura) dispostos ao nível de escolaridade (pré, 1º Ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo) (CAETANO, 2016).

Outro dado interessante é que, criado o suplemento com atividades recreativas, Angelina Neves, escritora pioneira na produção para infância daquele país, foi convidada por Jorge Rebelo, membro no período do Comitê Político Militar da Frelimo e responsável pela informação, a criar uma seção que trouxesse um ou dois contos para as crianças lerem. Esse exercício de escrita contínua no suplemento, provavelmente, leva a escritora a dar continuidade a sua produção.

É fato que a força da produção literária de Moçambique para infância se concretiza, a partir de 1990, “[...] sob a tutela de importantes órgãos locais apoiados por instituições internacionais” (OLIVEIRA, 2014, p. 97), como a Secretaria de Estado para a Ação Social, de Moçambique, e o *United Nations Children’s Fund* (UNICEF). No conjunto dessa produção da segunda fase, destacam-se os títulos de: Angelina Neves, *A banana Vaidosa* (1993a), *O cão e o gato* (1993b), entre outros; Calane da Silva, com *Pomar e Machamba de palavras* (2007) e *O João à Procura da Palavra Poesia* (2008); Carlos dos Santos, com *Os Frutos Da Amizade* (2008) etc.

Demarcamos o início da terceira fase com o ano de 2010, por conta do início das publicações da Escola Portuguesa de Moçambique, a partir do livro *O pátio das sombras*, de Mia Couto. Seguem-se muitos outros títulos, como *Na aldeia dos crocodilos* (2017), de Adelino Timóteo, e *O caçador de ossos*. (2017), de Carlos dos Santos.

Segundo Pedro Pereira Lopes (2018, p. 187):

[...] a partir de 2010 o interesse pelos livros para crianças e jovens aumentou, há mais procura e conscientização pelo valor da leitura nessa fase da vida. Acredito que vozes que clamam por uma literatura infanto-juvenil local (sem os estereótipos ocidentais) têm contribuído bastante para tal. O surgimento de novos autores, principalmente jovens autores que se iniciam na literatura escrevendo imediatamente para o estrato em causa, tem ajudado a diversificar o que se produz e a despertar interesse por este nicho literário.

Essa rápida contextualização nos leva a crer que a produção sobre a qual estamos pesquisando é a do tempo presente, uma literatura contemporaneíssima, produzida no contexto do pós-independência.

### ***Um grão de pólen a conduzir viagens: os versos de Pedro Pereira Lopes***

Pedro Pereira Lopes nasceu em 1987, na cidade de Zambézia, norte de Moçambique, residindo, atualmente, na capital Maputo. É professor e pesquisador no Instituto Superior de Relações Internacionais, em Maputo, onde, como estudante, formou-se em Administração, e realizou Mestrado em Políticas Públicas pela Escola de Governação da Universidade de Pequim. É colaborador de revistas e suplementos literários e membro da Associação dos Escritores de Moçambique (AEMO).

O escritor tem 10 títulos publicados em Moçambique, com algumas edições no Brasil:

- Para infância e juventude: *O homem dos 7 cabelos* (2012), *Kanova e o segredo da caveira* (2013, Maputo; 2015, Brasil); *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (2014, Maputo; 2015, Brasil); *A história do João Gala-Gala* (2017), em coautoria com o músico Chico Antonio; *O Comboio que andava de chinelos* (2019); *Por que é um livro mágico?* (2020), em coautoria com Angelina Neves.
- Um romance: *Mundo grave* (2018).
- Dois livros de contos: *O mundo que iremos gaguejar de cor* (Maputo, 2017; *A invenção do cemitério*, no Brasil, 2019) e *O livro do homem líquido* (2020).

O autor tem participado ativamente do cenário cultural de Moçambique por meio do envolvimento artístico cultural, em particular, aqueles vinculados à literatura.

O livro *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* possui 10 poemas em versos livres, ora composto de estrofe única, ora de quatro estrofes, que tratam do cotidiano da infância, seus desejos, brinquedos e brincadeiras. Nas ilustrações coloridíssimas da portuguesa Filipa Pontes predominam as cores laranja, verde, amarelo e azul, que atravessam a página ou se fixam do lado esquerdo e dialogam com a temática brincante dos versos.

A poesia em “grau de brinquedo” (BARROS, 2010, p. 485) se faz pulsante na feitura de Pedro Pereira Lopes (2015), afastando-se de uma tradição em que a palavra poética está a serviço de propagação de valores morais e cívicos e de conteúdos escolares. De acordo com Debus, Silva e Pires (2020, s.p., grifo dos autores), “Lopes (re)veste os versos de *nonsense* e humor”. Tal assertiva pode ser constada no primeiro poema que compõe o livro:

[...] um convite ao leitor feito pelo narrador, também criança, para experienciar as cores e sabores da vida, com a leveza de um grão de pólen viajar pelo mundo, senão de forma concreta, pelas palavras do poeta. O vivido permanece: “Sou uma criança com sonhos para realizar/pois quando a adulta chegar / Terei apenas coisas boas para lembrar...” (LOPES, 2015, p. 9). De imediato, lança-se o (des)compromisso com a valoração da criança como um vir a ser adulto, o compromisso é com a infância no seu momento presente. (DEBUS; SILVA; PIRES, 2020, s.p.).

No poema “O relógio do Lúcio”, o leitor depara-se com um menino a brincar com seu relógio de “brinquedo” que ganhou de aniversário e que não lhe saia do pulso. Um relógio de plástico e que “só faz figura”, objeto que promove o contato com o mundo dos adultos, com suas horas (de)marcadas, cronometradas.

No fazer poético, com fios invisíveis, o poeta urde uma trama brincante como aquela de olhar para as nuvens – “Nuvens fabulosas” – e imagina-se escultor e imerge na criação de seres espantosos: “Uma zebra que se esconde, / Um dragão e dois gatos, / Uma árvore de ramos altos / E um dançarino makonde” (LOPES, 2015, p. 15).

No poema “Colar de estrelas”, a menina Celeste traz no pescoço um colar de constelação estrelar, que a faz brilhar, assim como tudo que a rodeia: “De estrela. Belas e amarela / para ofuscar todo o espaço” (LOPES, 2015, p.17). O poema dialoga intensamente com o poema de Cecília Meireles (2012) “O colar de Coralina”. De lá Celeste, de cá Coralina, ambas meninas a brilhar.

Já o eu lírico de “Quero ser uma formiga” deseja ser pequenino e viver em coletividade para nela se fortalecer e, quiçá, ser gigante. Há o desejo que impele as viagens, seja “Barco no mar e avião no ar” ou a ida ao “Parque” com os carrinhos de choques, roda gigante e outros objetos que viram transportes no/do imaginário da infância (LOPES, 2015).

No poema “Florbela e Florinda”, a reduplicação dos fonemas e a exigência de uma articulação mais cuidadosa para não incorrer no erro da pronuncia aproximam-se do jogo lúdico verbal provocado pela estrutura poemática dos trava-línguas:

Florbela e Florinda  
gostam de flores.  
A dona Flora? Ela gosta de florestas  
e é florista! (LOPES, 2015, p. 21).

A partir do radical “flor”, as palavras formam-se e transformam-se, viram artifício do brincar. Em “A ilha é um mundo”, a sonoridade fonética destaca-se pela aliteração das sílabas “lha”, que impõe o ritmo da construção poética: “[...] Sobre o mar como folha / A bolha que é ilha / o vento embrulha” (LOPES, 2015, p. 29). O recurso remete-nos ao da escritora brasileira Cecília Meireles (2012) no poema “Bolhas” ou “A chácara do Chico Bolacha”. O jogo brincante de palavras não oficializa um fazer pedagógico, ao contrário, estilhaça-o, renovando a ordem dos vocábulos, numa construção rítmica convidativa.

O diálogo com os aspectos culturais e geográficos de Moçambique se desenham no poema “O bailarino de Mafalala”. Embora o poeta não traga explicitamente as informações, elas ficam subentendidas e merecem atenção do leitor, em especial do adulto que for mediar a sua leitura. O menino bailarino, personagem do poema, habita a Mafalala, espaço cultural e vivo de Maputo: por suas vielas e ruas cruzaram a poesia de Noémia de Souza e de José Craverinha, que ali também habitaram; das suas festas de muitas gentes, nasce a marrabenta, dança explosiva, que “arrebenta o corpo”. Constata-se que a “referência espacial ao local de origem do dançarino remete, implicitamente, ao referencial identitário, a promover ao leitor próximo com a cultura do seu cotidiano e a apresentar ao leitor distante um alargamento de aspectos culturais do Outro” (DEBUS; SILVA; PIRES, 2020, s.p).

Por outro lado, a intertextualidade com o poema “A bailarina”, de Cecília Meireles (2012), concretiza-se explicitamente em oposição. Uma bailarina pequenina e frágil cuja dança e vestimenta estão centradas nos costumes europeus e o menino dançarino gordinho com sua calça de capulana, cuja dança tem o berço na África, Moçambique, Maputo.

### ***O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar: um convite à brincadeira***

Celso C. Cossa nasceu em 1980, na cidade de Maputo, Moçambique, onde reside. Licenciado pela Universidade Pedagógica, é membro da Associação dos Escritores de Moçambique (AEMO). Seu exercício de escrita contempla diferentes gêneros literários, como crônica, conto, poesia, prosa poética, publicados em revistas e suplementos literários. Destaca-se na literatura para infância, com os livros em prosa *7 Estórias Sobre a Origem de Quem Come Quem* (2015), *A Capoeira dos Sete Pintos* (2018) e *O menino que odiava números* (2020), e o livro de poemas *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar* (2016).

O livro *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar*, dedicado ao seu menino Celso Celestino Cossa Junior, é composto de 12 poemas, que têm como temática os brinquedos e as brincadeiras que povoam o mundo da infância e convidam o leitor a entrar na brincadeira poética já na abertura, em forma de paratexto, pelo fragmento do poema “Convite”, do brasileiro José Paulo Paes:



Poesia  
é brincar com palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião.

São os três brinquedos dos versos de Paes – a bola, o papagaio e o pião – a serem primeiramente poetizados por Cossa (2016) nos poemas “O Gil e a bola gira”, “Papagaio de papel” e o “Pião do Tó”. O primeiro dialoga, de forma implícita, com o poema “Jogo de bola”, de Cecília Meireles (2012), mas aqui não temos como protagonista o menino Raul e sua bola que rola, mas outro menino, do outro lado do mar, o menino Gil e a sua bola “gira”, que gira toda feliz. Já o segundo traz o papagaio, ou pipa e pandorga, nomes diferentes dados nos países da lusofonia ao objeto construído de papel que voa no ar, tal qual “um pássaro de muitas cores”. O brinquedo feito de:

Duas ripas de pinho,  
uma folha de papel,  
um fio de nylon,  
cola e argola”. (COSSA, 2016, p. 11).

O pião que gira é o brinquedo do terceiro poema, intitulado “O pião de Tó”, com versos curtos e cadenciados dos términos com palavras em “ó”, que formam uma estrutura melódica e, ao mesmo tempo, de movimento, como se o próprio poema se tornasse um pião a rodar.

A escola, com seus dizeres e fazeres, surge como espaço de brincadeira e de exclusão, como no poema “Recreio”, que é um momento que alude ao intervalo das aulas e ao brincar de cabra-cega entre os colegas. Na construção poética, o recurso da repetição se faz ritmado, “– Caba-cega! Caba-cega!”, como se ouvíssemos em uníssonos o grupo de crianças a participar do jogo. No poema “A dona Clara e a menina Flora”, as tarefas escolares surgem como compromisso a serem cumpridos antes da brincadeira. Em “Adivinha”, o jogo “do que é que é” perde o tom jocoso quando a exigência dos estudos sobressai à alegria da brincadeira.

“O sistema solar” e “Um céu cheio de estrelas” são motivos indissociáveis para (re)visitar o céu de forma telúrica e, ao mesmo tempo, pedagógica, pois no brincar também se aprende. No primeiro poema, os planetas do sistema solar são os protagonistas e, no segundo, as estrelas e suas formas infinitas:

[...] É por isso  
Que eu sempre digo:  
Um céu cheio de estrelas  
É o livro mais bonito  
Para se ler. (COSSA, 2016, p. 17).

Os jogos sonoros das rimas estão presentes em todas as construções, de versos livres e, às vezes, breve, como em “O segredo do beija-flor”, ou em divisão, como nas estrofes em quadrinhas (I e II) de “O pintassilgo e o vagalume”. Por outro lado, o recurso da onomatopeia, bem como da personificação de objeto inanimado, tão ao gosto infantil, são evidenciados nos poemas “Tic-tac!/Tic-Tac!” e “O relógio zangado”.

Nos últimos versos do poema “O pequeno astronauta”, talvez, resida um conselho do poeta para nós, adultos, vivermos a poesia no seu potencial lúdico, não tão fácil, pois, brincar é “[...] um pequeno passo para a criança / e um salto gigantesco para o adulto” (COSSA, 2016, p. 27).

O diálogo da linguagem verbal e visual é elemento a ser relevado nesse livro, onde a leveza cromática dos tons pastéis das ilustrações do artista plástico Luis Cardoso colabora para a delicadeza do tecido final.

### ***Passos de magia ao sol: do humano que habita em nós***

Mauro Brito nasceu em 1990, na cidade de Nampula, Moçambique. Graduou-se em contabilidade e auditoria, na Universidade Tivane (UNITIVA-Wutive), e o interesse pela aviação o levou a conquistar o *brevet* de aeronaves leves em África do Sul. Seu interesse pela escrita o levou, entre os anos de 2009/2010, aos cursos de Literatura Brasileira oferecido pelo Centro Cultural Brasil-Moçambique (CCBM), que tinha o escritor Calane da Silva como diretor (2006-2012). Por incentivo desse escritor, os jovens reunidos nessa formação criaram o grupo Kuphaluxa (disseminar/divulgar em língua Xichangana) e lhes foi fornecida uma sala de encontros em que a leitura, apreciação e escrita de poemas se efetivava. Nesse ambiente propício à criatividade, muitos dos artistas dessa nova geração, como Mauro Brito, Eduardo Quive, Nelso Lineu, Venâncio Calisto começam a produzir seus textos, e a *Revista Literatas* é criada. Mauro Brito é colaborador de diversos jornais e revistas, como *Cultura*, *Blecaute*, *Debate*, *Missanga*, *Literatas*, entre outros, o autor tem transitado por diferentes gêneros, sendo a poesia a sua preleção. Até o presente momento, ele possui três títulos publicados, dois de poemas – *Passos de magia ao sol* (2017) e *O luminoso voo das palavras* (2019, Moçambique e Brasil) – e um em prosa – *A estranha metamorfose de Thandi* (2020).

Para o escritor, a literatura para infância e juventude não se refere a um texto de partida ou chegada, “[...] mas literatura de continuidade, de revisitação, ao contrário do que se pensa é muito mais rica, muito mais elaborada, e contém sempre estes elementos indispensáveis ao crescimento humano” (BRITO, 2020).

O livro *Passos de magia ao sol* (BRITO, 2016) reúne 13 poemas no miolo do livro e mais um na quarta capa, totalizando 14 poemas, os quais são construídos em versos livres,

com palavras afetivas e enrodilhados de ternura. Sem uma temática fixa, a natureza e a relação humana se apresentam entrelaçadas, no entanto, o elemento água (chuva, rio, mar) faz parte de nove poemas.

A potencialidade imaginativa da construção poética de Brito (2016) ressoa nos jogos sonoros, na maestria com o uso das palavras, no modo como (re)lida com elas, tal como no poema “Tempo, uma memória de elefante”:

Uma parte de mim  
o tempo guardou nas gotas de chuva  
Com uma parte de mim  
o tempo mandou  
o elefante erguer  
uma casa de memórias. (BRITO, 2016, p. 6).

Outro aspecto importante que deve ser remontado diz respeito à memória de uma infância – a do eu lírico, a do poeta, a do leitor –, que é convidada a (re)inventar-se no instante que é acesa, como no poema “Casa da saudade”:

Lá fora,  
no quintal,  
uma fogueira  
acendia-se de histórias  
e em nós  
a vigília  
prenunciava  
as aventuras noite adentro...  
Saudades  
pousadas no futuro. (BRITO, 2016, p. 10).

A isotopia temática em torno da esperança, amizade, gratidão, entre outros, é plasmada em todos os versos do trabalho poético de Brito (2016), que busca potencializar o humano que habita no outro.

Além disso, vale apontar a profusão cromática de tons fortes que acompanha as ilustrações (colagem e pintura) de Bárbara Marques (Lisboa, 1973), que estreia também na produção para infância e fortalecem a dinâmica das palavras do poeta, vivificando os seus dizeres. Segundo Brito (2020b), “a abordagem do leitor estende-se ao nível tanto gráfico como em nível do conteúdo, há bons comentários e os leitores adoram as imagens desde a capa, que faz uma combinação boa com os textos”.

## Encerra-se sabendo que ainda há muito para falar sobre os poemas dos três mosqueteiros

No exercício de escrita aqui desenvolvido, que buscou apresentar os livros de poemas para infância dos escritores moçambicanos, Pedro Pereira Lopes, Celso C. Cossa e Mauro Brito, provavelmente, muito ainda ficou por dizer.

Ficou por dizer que há um oceano a nos separar, mas nada que as palavras não possam nos unir, com elas fazemos a travessia, irmanamo-nos. Ficou por dizer do trabalho que os três jovens, como mosqueteiros a duelar por espaços propícios não só de conquista editorial, mas também da aproximação do leitor, nas idas e vindas em escolas e projetos de fomento à leitura. Ficou por dizer o interesse dos três em saber mais e dialogar sobre a literatura para infância, como pode ser exemplificado em suas participações em eventos sobre o tema, como “A produção literária para infância em Moçambique: linguagens e imaginação no processo ensino-aprendizagem”, realizado em Maputo, Moçambique, em 2 de abril de 2019, que contou com a presença de dois deles, e na mesa redonda “A literatura para infância em Moçambique” realizada durante o VIII Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (VIII SLIJ) e do IV Seminário Internacional de literatura infantil e juvenil e práticas de mediação literária (IV SELIPRAM), que ocorreu entre os dias 5, 6 e 7 de novembro de 2019, em Florianópolis (SC), e contou com a presença dos três escritores.

Ficou por dizer, ainda, que escrever poemas para serem lidos por toda gente e, em particular, pelas crianças não é um exercício fácil, pois exige maestria e, por que não, afastamento de uma feitura mecânica e proximidade de gestos brincantes.

Os livros *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas* (LOPES, 2015), *O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar* (COSSA, 2016) e *Passos de magia ao sol* (BRITO, 2016), por certo, têm feito a alegria dos leitores de Moçambique e do Brasil. Esperamos que, em breve, todos os títulos estejam em editoras brasileiras, mas enquanto isso não acontece as novas tecnologias encurtam distância e possibilitam as aquisições.

## Referências

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura infanto-juvenil moçambicana: a série Os gémeos, de Machado da Graça, e outras travessias. **Contexto**, Vitória, n. 26, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/viewFile/8727/6134>>. Acesso em: jan. 2021.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: jan. 2021.

BRITO, Mauro. **Passos de Magia ao Sol**. Ilustração de Bárbara Marques. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2016.

BRITO, Mauro. **O luminoso voo das palavras**. Ilustração de Yok Chan. Maputo: Kuvaninga, 2019a.

BRITO, Mauro. **O luminoso voo das palavras**. Ilustração de Yok Chan. Florianópolis: Katarina Kartonera, 2019b.

BRITO, Mauro. **A estranha metamorfose de Thandi**. Ilustração de Samuel Djive. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2020.

BRITO, Mauro. Entrevista. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 21, 2020.

GOMES, Simone Caputo. Literatura para crianças e jovens na África de língua portuguesa. **Cátedra Digital**, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-para-criancas-e-jovens-na-africa-de-lingua-portuguesa/>>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CAETANO, Simão. **A dimensão pedagógica do Suplemento Infantil Njingiritane**. Maputo: Alcance, 2016.

COSSA, Celso C. **7 histórias sobre a origem de quem come quem**. Ilustração de Mauro Manhiça. Maputo: Pawa, 2015.

COSSA, Celso C. **O Gil e a Bola Gira e outros poemas para brincar**. Ilustração de Luis Cardoso. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2016.

COSSA, Celso C. **A capoeira dos sete pintos**. Ilustração de Alberto Correia. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2018.

COSSA, Celso C.; BRITO, Mauro; LOPES, Pedro Pereira. **Entrevista com Celestino Cossa, Mauro Brito e Pedro Pereira Lopes - 8º SLIJ**. Entrevistadoras: C. Domingues; D. Bunn; J. M. Rosa. Florianópolis, Lieralise/UFSC, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G1Ckg2oPjNA>>. Acesso em: jan. 2021.

COSSA, Celso C. **O menino que odiava números**. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2020.

DEBUS, Eliane. As literaturas africanas de língua portuguesa para infância publicadas no Brasil. In: PASSOS, Joana C; DEBUS, Eliane (org.). **Resistências e re-existências: desenvolvimento e cultura afro-brasileira na região sul**. Tubarão: Copiart; Florianópolis, Atilénde, 2018.

DEBUS, Eliane; SILVA, Ana M. C.; PIRES, Juliana B. De lá para cá: a literatura para infância do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes. In: SPIGOLON, Nima *et al.* **Africanidades: práticas e saberes contribuindo para a formação humana**. São Paulo: [s.n.], 2020.

FONSECA, Maria Nazareth S.; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panoramas das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos Cespuc de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 16, p. 13-69, set. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767/11446>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

LOPES, Pedro Pereira. **Viagem pelo Mundo num Grão de Pólen e Outros Poemas**. Ilustração de Filipa Pontes. Maputo: Editorial Escola Portuguesa de Moçambique, 2015.

LOPES, Pedro Pereira. Entrevista. **Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 185-189, jan./jun. 2018.

LOPES, Pedro Pereira. Entrevista. **Abusões**, Rio de Janeiro, ano 6, v. 13, n. 13, 2020.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Ilustração de Odilon Moraes. São Paulo: Global, 2012.

NEVES, Angelina. **A banana Vaidosa**. Maputo: UNICEF, 1993a.

NEVES, Angelina. **O cão e o gato**. Maputo: UNICEF, 1993b.

NOA, Francisco. **Uns e outros na literatura moçambicana**. São Paulo: Kapulana, 2017.

SANTOS, Carlos dos. **O caçador de ossos**. Ilustração de Emanuel Lipanga. São Paulo: Kapulana, 2017.

SILVA, Calane da. **O João à Procura da Palavra Poesia**. Ilustração de Zorito Chiwanga, Moisés Utui. Maputo: Textos Editores, 2008.

SILVA, Calane da. **Pomar e Machamba de Palavras**. Ilustração de Moisés Itui. Maputo: Textos Editores, 2007.

SOUSA, Noémia de. **Sangue negro**. Moçambique: Associação de Escritores Moçambicanos, 2001.

TIMÓTEO, Adelino. **Na aldeia dos crocodilos**. São Paulo: Kapulana, 2017.